

O tema do meu verso é sempre o mesmo, espaço, tempo, amor e nostalgia. Caminho por minh'alma sempre a esmo, mal desventrando a noite à luz do dia. Não canso de dizer as mesmas frases, mas canso-me de olhar-me como sou, são meu consolo nuvens que desfazes desde o tempo em que tudo começou. O coração explode, muitas vezes, na busca permanente do teu sonho, correm os anos com seus doze meses e o muito te querer sempre reponho. Tenho sessenta e oito e quanta vida eu descortino em ti, mulher querida. Ives Gandra da Silva Martins, Ruth.

Não estando sujeito o amor à prescrição... Nem se podendo amar sozinho, à revelia... Tampouco querer-se ter domínio, jurisdição... Não cabe argumentar-se quanto a mais-valia... Desnecessário, aqui, doutorado, proficiência... Ao coração impossível desdobra ou loteamento descarto a tese arguida quanto a decadência injustificável contestar possa haver sofrimento. Admissível, entretanto, outra reconvenção ou mesmo reapresentar nova petição inicial só não se condene algum sentimento à reclusão. E tendo amplo conhecimento de toda prova e fato da decisão não caberá agravo ou recurso especial: amem-se!... Dê-se ciência da sentença qe prolatou... Pedro Galuchi, Soneto do amor jurídico.

Um dia, perguntei a um beduíno que vi cuidando de oliveiras perto: A terra é sua? "A terra é um bem divino, pertence a Alá", me respondeu, esperto. E as árvores? São suas, imagino. "Também são dele. Alá fez tudo certo e tudo é seu, tal como o meu destino, ou cada grão de areia do deserto." A coisas materiais embora alheio, tinha ele um cesto de azeitonas cheio, o que era natural naquelas zonas. E acrescentou, a rir do meu espanto: "As oliveiras são de Alá. No entanto, sou eu o dono destas azeitonas". Ziver Ritta, Bens mateirais.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 10 – 2013 OUTUBRO
Assinatura até 31.12.14: 14 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Não só quem nos odeia ou nos inveja nos limita e oprime; quem nos ama não menos nos limita. Que os deuses me concedam que, despido de afetos, tenha a fria liberdade dos píncaros sem nada. Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada é livre; quem não tem, e não deseja, homem, é igual aos deuses.

Ode de Ricardo Reis, Fernando Pessoa Poesias, Impressão 2011
Seleção Sueli Barros Cassal – www.estantevirtual.com.br

Cada lágrima sentida que brota no coração, rega as flores que, na vida, vivem de sonho e ilusão... Amália Marie Gerda Bornheim, 1010 O Patusco: Cx Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Lampião lembra a saudade, acesa dentro da gente. Irmão da felicidade que foge constantemente. Antonio Lafayette, 0912 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

As folhas, feito um tapete, assoalhando o jardim, são um tímido lembrete de que a vida tem seu fim! Héron Patrício, 0710 Trovalezga Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Saudade, tear sutil que não se vê, mas se sente tecendo com fios mil o passado no presente. Homero Aruda, 0910 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbaista@unifor.br

Tem mágoa de breve efeito, tem também a que em surdina chega, invade o nosso peito, e vira eterna inquietina! José Tavares de Lima, 0910 Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Vi ferido o passarinho que você sem dó, vendeu. – Não seja assim tão mesquinho vendendo o que não é seu! Josué Anacleto Vieira, 0710 Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

Dê-se ao jovem liberdade para sem medo ele ousar. – É no ardor da mocidade que o sonho aprende a voar! A. A. de Assis

Outras há cheias de encanto... mas me encantei por você, que ao ver-me a seus pés, no entanto, faz de conta que não vê... Antônio da Serra

Canto a melhor serenata, faço os mais doces anelos ao ver a lua, em cascata, emoldurar seus cabelos. Eliana Palma

A vida tornou-se triste, por coincidência ou maldade: do trem em que tu partiste desembarcou a saudade!... Hermoclydes S. Franco

Que pena, que uma pequena não teve pena de mim. E eu que dela fui te pena, fiquei depenado assim... J. Revoredo Neto

Trovia 2010, Outubro – Coordenador A. A. de Assis – alkaulu77@gmail.com; visite: www.faladodetrova.com.br

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Até o dia 30.10.13, enviar até 3 haicus de quigos: Enchente, Rio de verão, Taturana.
Até o dia 30.11.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Zelador, Nenúfar, Pintado.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmnenendez@superig.com.br



QUIDAI (TEMAS)

DE PRIMAVERA

Feliz, olha o agrônomo a colheita de fartura. Fruto de sucesso! Ailson Cardoso de Oliveira

Cabeça e rabo sapo em potencial o girino nada. Armando do Amaral Campos

Milhares de estrelas arrebetando no ar. Bolhas de sabão. Cecy Tupinambá Ulhôa

Casa abandonada recebendo novos hóspedes: bando de andorinhas. Darly O. Barros

Que alegre semblante! Guri contempla o arco-íris na bolha gigante! Fernando Soares

Duas andorinhas no fio da luz, na tarde, formam belo par. Maria App. Picanço Goulart

Buquês no jardim. A primavera presente: primulas em flor. Walma da Costa Barros

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA



Vai galgando a árvore com seus três dedos apenas o bicho-preguiça. E Alba Christina

Pendurado na árvore, se espraia, morosamente, o bicho-preguiça. B Amália Marie Gerda

A luz de uma lágrima, no Dia da Padroeira, abençoa ao mundo... Amália Marie Gerda

Canto de pássaros rosa e Buda no quarto ao amanhecer... E Larissa Lacerda Menendez

O verde das folhas vai destacando o amarelo. Prímula florida. Manoel F. Menendez

Lembrança da festa a todos os convidados – um leque bordado. E Renata Paccola

Olhares curiosos. Bicho-preguiça abraçado ao jacarandá. B Roberto Resende Vilela

Abanando o leque na figura japonesa desenho de geixa. E Alba Christina

Na rosa vermelha, a beleza e a perfeição exalam perfume. E Amália Marie Gerda

Silêncio na mata. Folhas, flores em descanso e o bicho-preguiça. E Elizabeth Krinski Beraldo

Cabeças erguidas, muita gente procurando o bicho-preguiça. O Manoel F. Menendez

Cinema lotado, o suor escorre no rosto. Vai e vem o leque. A Marilena Budel

Um botão de rosa junto a cama de hospital. Votos de sucesso. E Renata Paccola

Brisa embalsamada. Abelhas e colibris visitam a rosa. B Roberto Resende Vilela

A rosa no vaso e a mensagem sobre a mesa sem explicações. O Alba Christina

No olhar, um mistério escondido pelo leque da jovem mulher... O Amália Marie Gerda

Qual uma rainha sobre o jardim florescido. A rosa vermelha. O Elizabeth Krinski Beraldo

Sob o tronco o bicho-preguiça. O Manoel F. Menendez

No meio da tarde chuva de pétalas de rosa. Passa a procissão. E Marilena Budel

Jacinto do oriente: um perfume vai surgindo das flores compactas. Renata Paccola

Calor incomum. Calção de banho. Biquini. Leques agitados. O Roberto Resende Vilela

Morrendo a lagarta, a borboleta indecisa vai tentar os voos. Alba Christina

Campânulas róseas, do esplendoroso jacinto, perfumam seus cachos. Amália Marie Gerda

Sobre o telhado pombos e nuvens rosadas rosa no altar. E Larissa Lacerda Menendez

No parque, gente procurando o bicho-preguiça. O Manoel F. Menendez

Na tarde quente balança o bicho-preguiça. O galho verga. E Marilena Budel

Mistura de cores: borboleta azul e preta no meio das flores. Renata Paccola

Águas onduladas. Embarcações à distância. Siri sai da toca. Roberto Resende Vilela

J O G O P E R I G O S O

Gilson Rangel Rolim, Puxando conversa, 2011: www.estantevirtual.com.br – Gentileza do Autor em 08.12.11

Mal o sinal fechou, apareceu à frente do carro o malabarista de rua a manusear as tochas. Quase ao mesmo tempo, tanto à direita quanto à esquerda, duas armas foram apontadas, ameaçando o motorista. Tomado de surpresa, impedido de fugir, abaixou o vidro a seu lado. E ouviu a voz ríspida: – Não é assalto, mas temos que entrar, abra logo a porta. E os dois homens entraram, fazendo do juiz Aníbal Ferreira seu prisioneiro. Tudo se passou no tempo do sinal.

– O senhor vai apitar o jogo de hoje, não vai? indagou um dos homens. Ante a resposta positiva da vítima com aceno de cabeça (seu nervosismo roubará-lhe a voz), o bandido acrescentou: – O time visitante tem de ganhar, só isso. É grana alta. Depois a gente solta sua mulher e a menina. Ao ouvir isso, Aníbal ficou tão apavorado que quase perde a direção do carro. O que sobrou de sua voz permitiu-lhe dizer apenas: "Pelo amor de Deus, não façam nada com elas!" O outro indivíduo procurou tranquilizá-lo:

– Elas estão bem, pode confirmar aqui no celular. – E fez a ligação, certamente para o comparsa que as mantinha sob sequestro. E ele pôde ouvir uma voz assustada: – Aníbal, está tudo bem. Faça o que eles querem. É possível imaginar o estado de pavor que tomou conta do juiz que, mesmo antes da agressão, já estava tenso pela responsabilidade do jogo. Tendo-o dominado psicologicamente, os homens deixaram-no seguir sozinho para o Maracanã. Ao aproximar-se do estacionamento,

ouvindo aquela zoeria do enorme público, Aníbal esforçava-se para não entrar em pânico, imaginava-se vivendo um pesadelo. E nada podia falar sobre o drama que passou a viver uns poucos minutos antes. E pensava na mulher e a filha, provavelmente sob ameaça de armas, aprisionadas sabe-se lá onde. Ao adentrar o vestiário, tentava não deixar transparecer o que com ele se passava. Mesmo assim, um de seus auxiliares percebendo algo de estranho em seu comportamento, disse: – Que houve, Aníbal, parece zangado!

Vestiu o uniforme pensando no que poderia acontecer. Tido como dos mais competentes juizes do futebol brasileiro, já tendo apitado jogos internacionais, estava prestes a ser indicado para a próxima Copa do Mundo. Deixar-se levar pela chantagem que lhe faziam seria acabar de uma vez com sua carreira. Não fazê-lo, no entanto, seria arriscar-se a ver o fim trágico de sua pequenina família. A prece que fazia habitualmente antes dos jogos, pedindo proteção dos céus para seu trabalho, ele a fazia agora numa situação que jamais imaginara pudesse viver. Intimamente chora; não verte lágrimas, todavia; ninguém pode perceber o que se passa. Ainda assim, um pequeno umedecimento da vista levava-o a passar o lenço nos olhos.

Aníbal, sempre tão cortês com a rapaziada das rádios e das tevês, desta feita não se dispôs a dar qualquer declaração. Apenas agradece e desculpa-se pelo mutismo inesperado. Não escapa, entretanto, de ver na tela seu rosto em primeiro plano ao ser abordado pelo repórter. Sua entrada em campo é percebida pelas câmaras, que o mostram de longe; a figura pequena faz sentido em vista da situação que vive. Aníbal busca todas as forças de sua mente e de sua fé ao olhar para aquela esfera de couro no centro do gramado; é seu mundo que ali está.

O jogo começa.

“Bola rolando, vai logo ao ataque o time da casa. Em jogada rápida pelo meio, Carneirinho dribla o zagueiro adversário e chuta forte, a bola passa rente ao poste direito do goleiro Marciano.” Essas primeiras palavras do narrador da Radio Capital já diziam o que seria o jogo: domínio total do time da casa. Ao visitante restaria defender-se da melhor maneira e tentar, se possível, jogadas de contra-ataque.

Aníbal, em seu íntimo conturbado, rezava para que algo desse certo para os de fora e um gol inesperado mudasse sua sorte. A cada instante pensava no drama que estavam vivendo a mulher e a filha. A essa altura, certamente sendo torturadas psicologicamente diante da televisão, ouvindo os improperios que o sequestrador vociferava contra o juiz.

E o primeiro tempo termina no zero a zero; um resultado surpreendente, ainda bem que sem qualquer interferência do árbitro. Aníbal desce correndo para o vestiário e pede aos colegas que o deixem só pelos quinze minutos do intervalo. Sua atitude causa estranheza, mas é respeitada. Tudo lhe passa pela cabeça, desde agir desonestamente para favorecer o time visitante até

confessar sua incapacidade psicológica para continuar na arbitragem. Repugna-lhe a primeira hipótese, assusta-lhe a segunda. Busca mais uma vez força em sua fé e assume confiar em Deus para mudar sua sorte.

O panorama do primeiro tempo se repete. O time da casa é sem qualquer dúvida o dono do jogo, contudo não tem sido feliz nas conclusões e, além do mais, o goleiro Marciano está em dia de glória. Decorridos trinta minutos da segunda etapa, os visitantes só deram dois chutes a gol: os de casa mais de uma dúzia. A imensa torcida – ao que se anunciou, mais de cinquenta mil pessoas – não acredita no que está vendo: um modesto time do interior, recém-chegado à primeira divisão nacional, resistindo ao forte adversário em sua própria casa.

E a tensão de Aníbal aumenta num crescendo assustador; ele chega a imaginar-se desmaiando no gramado. Mas busca suas últimas forças para resistir, e sobretudo, para decidir. Não tem chance, sequer para marcar uma penalidade máxima; o time visitante não ajuda.

Mas eis que o inesperado acontece. Faltando um minuto para o fim da partida, já no tempo adicional, num dos raros contra-ataques dos

visitantes, o apoiador Santinho faz um lançamento de longa distância para a meta adversária. Bola fácil para a defesa, tanto que o zagueiro Cabrita se apressa em dominar, já dentro de sua área. Mal toca na bola, porém, algo parecido com uma cãibra leva-o ao chão e, instintivamente, agarra a pelota. O juiz, incontinentemente, corre em sua direção e marca a penalidade máxima. A regra é clara: se o defensor põe a mão na bola dentro da área, é pênalti, não há o que discutir.

O que se passa na cabeça de Aníbal é quase indefinível. Embaralham-se seus pensamentos. As imagens da bola entrando, o goleiro batido, misturando-se com as de sua volta à casa, abraçando-se à mulher e à filha; ou o contrário, pênalti perdido, as duas sendo levadas pelos facínoras, amarradas, sofrendo violentos castigos; o sepultamento delas.

Mas há que reagir, e ele reage; expulsa de campo aqueles pensamentos. Pega a bola e ordena a cobrança.

Sob intensa expectativa de uma torcida subitamente silenciosa, o pênalti é batido. Em seguida, Aníbal apita o fim do jogo e desmaia. O silêncio no estádio continua.

VERSOS DE LOUVOR À INTEGRAÇÃO FLUMINENSE

Gilson Rangel Rolim, olgins@bol.com.br. Av. Roberto Silveira 408, Ap 501^A, Icaraí, 24230-162 – Niterói/RJ – Gentileza do Autor em 08.12.11

CORDEL DO NOVO RIO

Nosso Rio de Janeiro tem muita coisa a mostrar. Tem a serra com seu verde, e tem o verde do mar.

Seja você carioca, seja você friburguense, importa é que você seja mais que tudo fluminense. No Norte temos petróleo e também canaviais. E lá no Sul, Parati, com ruas coloniais. Tem aço em Volta Redonda, tem pescado em Cabo Frio. Tem muita coisa bonita o nosso Estado do Rio.

A Capital tem o Cristo e a bela Copacabana; cidade maravilhosa que os fluminenses irmana. Na bela Serra dos Órgãos temos o Parque Nacional. É no alto de Itatiaia um outro temos igual. Tem o rio Paraíba

da unidade estadual. Tem Campos, de Patrocínio, e o encanto da Capital.

Nosso Rio de Janeiro tem muita coisa a mostrar. Tem a serra com seu verde, e tem o verde do mar.

Tem cidades serranas com encanto natural, e a mais famosa das três é cidade imperial. No Vale do Paraíba, as lembranças do passado: são as antigas fazendas, velha riqueza do estado. Na costa de Macaé, as plataformas no mar. Nas indústrias da Baixada, muita gente a trabalhar.

Hortaliças em Friburgo, laranjais no Centro-Norte; no Noroeste do Estado, gado de leite e de corte. As praias do litoral: recreio dos Bandeirantes, Parati, Angra dos Reis;

colírio pros navegantes. E Búzios com sua fama, Itacoatiara também, praias de sal e sol e não sobra pra ninguém.

Nosso Rio de Janeiro tem muita coisa a mostrar. Tem a serra com seu verde, e tem o verde do mar.

O Rio do Carnaval, atração no mundo inteiro, no morro do Pão de Açúcar que é xodó do brasileiro. Tem a minha Praia Grande do MAC, das fortalezas; já não é mais capital, mas conservou as belezas. Nas Letras tem grandes nomes, Lima Barreto, Machado. Tem as telas do Parreiras, nosso pintor consagrado. E a verve de Sérgio Porto, os versos de Casimiro, os sambas de Noel Rosa; duro dizer quem prefiro. Palco de grandes eventos ao longo de nossa História,

nossa Província se orgulha desse passado de glória. Se os cariocas lideram a nova fase do Estado, cabe aos demais fluminenses seguir-lhes de braço dado. Nosso Rio de Janeiro tem muita coisa a mostrar. Tem a serra com seu verde, e tem o verde do mar.

PARÁIBA, NOSSO RIO

Desce a Serra da Bocaina, no nordeste de São Paulo, e chega a Jacareí. Voltas-e, então, para o norte, no rumo de São José dos Campos, cidade rica, fabricante de aviões. E segue formando o Vale que leva seu belo nome. Caçapava, Taubaté – terra natal de Lobato – veem correr suas águas; e o rio vai prosseguindo. Passa Pindamonhangaba, a sagrada Aparecida,

logo Guaratinguetá. Vai contornando Lorena, Cruzeiro e, adiante, Queluz. Dizendo adeus a São Paulo, chega à terra fluminense. Itatiaia, Resende dão ao rio boas-vindas. – Região industrial, incluindo Barra Mansa e também Volta Redonda.

O valente Paraíba vai juntando suas águas pra represar mais à frente em Barra do Piraf. Mesmo um tanto enfraquecido, banha as antigas fazendas dos tempos imperiais, lá pros lados de Valença e da charmosa Vassouras. Algumas léguas acima, vê a cidade xará, que é Paraíba do Sul. E logo ali, bem pertinho, um encontro interessante, Três Rios é mais que um nome: o velho rio recebe à esquerda o Paraíba

de direita o Piabanha. Agora fortalecido, o nosso rio prossegue pra chegar a Sapucaia e por bom trecho divide o Rio de Minas Gerais. Reforço de água recebe do Pomba, vindo de Minas, logo após Itaocara; e passa por Cambuci, pra chegar a São Fidelis. O rio Muriaé, vindo de Minas também, faz com que chegue mais forte a Campos dos Goitacazes.

Da terra de Patrocínio e de tantas tradições, parte agora rumo a mar para entregar suas águas lá em São João da Barra, junto à praia de Atafona. Pelas léguas percorridas em nossa Velha Província, o Paraíba do Sul merece o nome de rio da integração fluminense.

O B R I G A D O

Yasunari Kawabata 1899-1972. Contos da palma da mão, Arigatô, 1925: trad. Meiko Shimon, 2ª Ed., 2008: Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacaoliberalidade.com.br

A colheita de caqui estava abundante, e o outono tingia as montanhas em bela coloração

O porto se situava no extremo sul da península. Do segundo andar do prédio, onde ficava a sala de espera dos passageiros, que possuía uma banca cheia de doces e confeitaria, surgiu um motorista de uniforme amarelo com a gola rocha. Na frente do prédio, esperava-o um grande carro vermelho, com uma bandeirinha roxa erguida, que transportava passageiros regularmente.

Uma mãe, apertando um saquinho de papel de confeitaria na mão, levantou-se e disse ao motorista, que amarrava com extremo cuidado os cadarços dos seus sapatos: – Então, hoje á sua vez? Que bom! Ser levada pelo Senhor Obrigado é sinal de que esta menina vai ter sorte no futuro. Algo bom deve acontecer a ela.

O motorista olhou para a garota, que estava ao lado da mãe, e nada disse. Ela continuou:

– Não vai adiantar nada

continuar adiando sempre! Além do mais o inverno logo chega. Fico com pena de mandar a menina para longe quando estiver frio! Já que tenho que deixá-la ir, acho melhor fazer isso enquanto o tempo está bom. Por isso, decidi levá-la hoje.

Balançando a cabeça em sinal de compreensão, sem dizer nada, o motorista se encaminhou para o carro em passos garbosos como um soldado e endireitou o coxim do seu assento.

– Vovó, sente-se no primeiro banco. Quanto mais na frente, menos sacode. O caminho é longo, sabe, não é?

Essa mãe estava indo para uma cidade a quinze *ri* ao norte, onde passava trem, para vender sua filha.

Balançando-se na estrada montanhosa, a garota tinha o brilho do seu olhar capturado pelos ombros eretos do motorista à sua frente. O casaco amarelo ia se ampliando como um universo nos seus olhos. As montanhas que se elevavam à frente do caminho eram separadas pelos ombros do motorista, e deslizavam para trás. O carro

tinha que vencer dois pontos altos da estrada montanhosa.

Nisso, o carro alcança uma diligência. A carruagem encosta à beira da estrada.

–Obrigado!

Agradecendo em voz alta e clara, o motorista inclina a cabeça como um pica-pau e faz uma intrépida continência.

Depois, cruza com uma carroça puxada a cavalo carregada de toras de madeira. A carroça encosta à beira da estrada.

–Obrigado!

Em seguida, um carroção puxado por um homem.

– Obrigado!

Um riquixá.

– Obrigado!

Um cavalo

– Obrigado!

Ele nunca esquece de cumprimentá-los, mesmo que ultrapasse trinta carros em dez minutos. Não perde a postura correta e elegante, mesmo que percorra cem *ri*. Ele é singelo e espontâneo como um tronco de cedro em prumo.

O carro, que saíra do porto depois das três da tarde, acende o farol no caminho. Cada vez que cruz com um cavalo, o motorista desliga o farol. E dia;

– Obrigado!

– Obrigado!

– Obrigado!

Ele é o motorista de melhor reputação dessa estrada de quinze *ri* entre as carruagens, carroças e cavalos.

Quando desceu na praça da estação de trens, já em penumbra, a garota estava com o corpo a balouçar e, sentindo-se como se flutuasse no ar, agarrou-se à mãe.

– Espere aqui – disse a mãe, e correu atrás do motorista.

– Ouça! A menina diz que gosta de você. Por favor, eu lhe peço! Eu lhe rogo! Pois, a partir de amanhã, ela vai ser brinqueado de homens estranhos. É verdade! Até mesmo senhoritas da cidade grande ficarão assim depois de viajarem dez *ri* no seu carro. Ao amanhecer do dia seguinte,

o motorista deixou a estalagem atravessou a praça como se fosse um soldado em marcha. Atrás dele, a mãe e a filha corriam em passos trôpegos.

O grande carro vermelho de passageiros com a bandeirinha roxa foi retirado da garagem e aguardava a chegada do primeiro trem.

A garota entrou no carro primeiro e, friccionando os lábios secos alisava com a mão o couro preto do assento do motorista. Sentindo o frio matinal, a mãe juntou as mangas do quimono no seu peito.

– Ora, ora! Vai levá-la de volta, então? Agora pela manhã, a minha filha chora e você me dá um sermão. O erro foi que eu tive pena dela. Quer que eu a leve de volta? Está bem, mas só até a primavera, ouviu bem? Só concordei porque tenho pena de mandá-la embora agora que vai chegar a época fira. Mas, quando o tempo esquentar não

vou poder ficar mais com ela em casa.

O primeiro trem deixa três passageiros para o ônibus.

O motorista endireita o coxim do seu assento. A garota deixa o brilho do seu olhar ser capturados pelos ombros ternos à sua frente. Os ventos matinais do outono se dividem para os dois lados dos ombros e deslizam para trás.

O carro alcança um diligência. A carruagem encosta à beira da estrada.

– Obrigado!

Um carroção.

– Obrigado!

Um cavalo.

– Obrigado!

– Obrigado!

Cobrido de agradecimento as montanhas e os campos do percurso de quinze *ri* ele retorna ao porto do extremo sul da península.

A colheita de caqui estava abundante, e o outono tingia as montanhas em bela coloração.